

**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **WAJANGA<sup>1</sup> MARI<sup>2</sup> – RITUAIS DE ARTE-MEDICINA EM ALDEIAS MĒBÊNGÔKRE-KAYAPÓ.**

### **WAJANGA MARI - MEDICAL ART RITUALS IN MĒBÊNGÔKRE-KAYAPÓ VILLAGES**

**RAFAEL RIBEIRO CABRAL  
PPGARTES-UFPA**

**RESUMO:** No mundo Kayapó o Gavião-Real apresenta a ameaça, o perigo, mas também a fuga ancestral. Este perigo em Terra Indígena MĒbêngôkre-Kayapó revela os feitiços promovidos por instituições religiosas que declinam o Povo indígena e desalinham a espiritualidade MĒbêngôkre-Kayapó. Este artigo tem como objetivo compartilhar um percurso preliminar dos 'buracos' da pesquisa em arte ritual. Metodologicamente me alinho à experiências dos indígenas da etnia Yudjà e da etnia Guarani no estudo de caso. Os possíveis resultados serão compartilhamentos das inquietações teóricas da pesquisa em Arte-medicina.

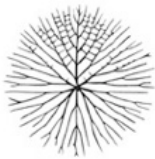
**PALAVRAS-CHAVE:** Arte-Medicina, Ritual, MĒbêngôkre-Kayapó.

**ABSTRAC:** In the Kayapó world, the Gavião-Real presents a threat, danger, but also an ancestral escape. This danger in MĒbêngôkre-Kayapó Indigenous Land reveals the spells promoted by religious institutions that decline the indigenous people and misalign the MĒbêngôkre-Kayapó spirituality. This article aims to share a preliminary route to the 'holes' of research in ritual art. Methodologically I align myself with the education of the indigenous Yudjà and Guarani ethnicities in the case study. The possible results will be shared from the theoretical concerns of research in Art medicine.

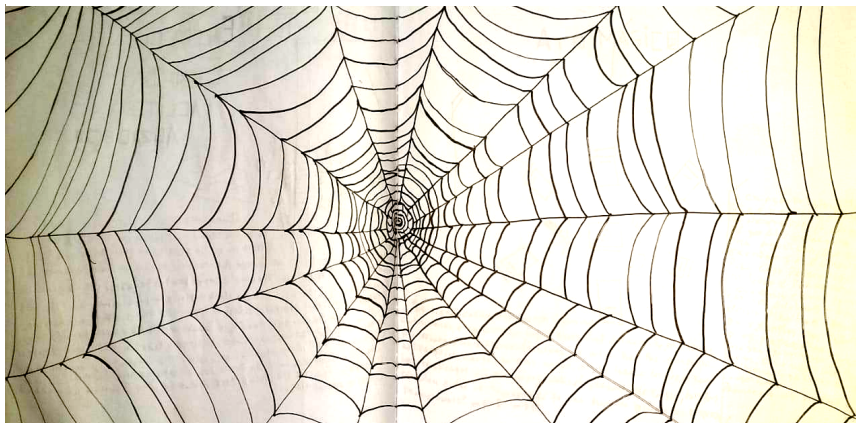
**KEYWORDS:** Art-Medicine, Ritual, MĒbêngôkre-Kayapó.

**O buraco do céu.**

---



**Figura 1. Teia da Aranha, mosaico em rede. Autor: Rafael Cabral.**



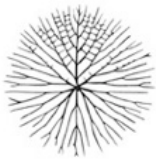
Fonte: Caderno de Desenhos n°1

O Povo indígena Mebengokre-Kayapó habitam sete porções de área homologadas pelo governo federal, mas que ancestralmente seria muito maior comparado ao que temos hoje homologado judicialmente. O Povo circula pelo território ainda que em área demarcada. É um Povo que caminha desde o século passado do planalto central até as terras do sul do Pará e norte do Mato Grosso, onde suas Terras estão homologadas. Falantes de língua Jê, mantem traços históricos da linhagem deste tronco linguístico.

Ser guerreiro é um dos traços marcantes dessa linhagem. Foram conhecidos pelos *karajá*, principal grupo que guerreavam, como ‘*caia pó*’ que significa na língua tupi karajá – igual a macaco ou como macaco. Os karajá representavam assim os kayapó devido a presença de uma das principais armaduras kayapó que se baseava na pintura total do corpo com jenipapo para facilitar a camuflagem na floresta. Porém a designação do Povo seria *mebengokre* que na língua Jê, próprio do Povo, significa ‘povo do buraco d’água ou da nascente do rio’

Foi assim que os Mebengokre ficaram conhecidos como kayapó. Por se envolverem em ataques sangrentos a outros Povos indígenas, mas fundamentalmente a sociedade não indígena que se emancipava no entorno das áreas historicamente ocupado por eles. Foi a partir daí que os kayapó ficaram conhecidos como um povo sangrento. E foi a partir desses confrontos e proteção de suas terras que começaram a ser perseguidos e viraram o foco das missões jesuítas e das políticas de atração nacional promovido pelo Serviço de Proteção ao Índio – SPI no começo do século XX na intenção de “amansamento” via pacificação cristã.

Os kayapó nessa época foram identificados como o povo mais sangrento e guerreiro da época pois foram os últimos a serem pacificados como grupo indígena. Muitos morreram para chegar a esse ponto, tanto indígenas como não indígenas. Há relatos na literatura antropológica realizado por Expedito Arnold (1971;1987;1974) que demonstram em seus estudos um panorama bastante tenso entre a horda kayapó e a



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

sociedade das cidades emancipadas do entorno. Esses dados bibliográficos foram importantes para essas tramas e que contam com a organização de acervo digital destinado ao domínio kayapó, exaustivamente realizado por mim, na biblioteca do Museu Emilio Goeldi em Belém do Pará.

A partir dos achados históricos encontrados em uma vasta bibliografia da época das frentes de atração indígena liderado pelo governo federal que identifiquei um movimento violento e motivador da realidade kayapó atual. Hoje o Povo kayapó habitam a área homologada entre o cerrado e a floresta amazônica. A maior parte vive em aldeias em formato circular com famílias uroxilocal e fundamentalmente matrilinear (LEA, 1993).

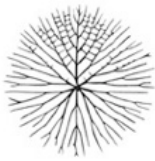
Foi a partir de meus compartilhamentos dos últimos anos (CABRAL 2013; 2015) aliado com a primeira etapa do doutoramento – que foi a varredura na biblioteca do Museu Goeldi – atentei para um achado importante que desencadeou o surgimento desta tese que ocorre a partir das missões jesuítas e da pacificação via cristianismo, desalinhamento da espiritualidade Mebengokre-Kayapó frente à atração nacional promovido ao longo dos séculos pelo governo federal junto com alianças internacionais.

O que tentamos entender neste momento serão pistas de uma tese em processo que tenta clarear os feitiços lançados por um movimento religioso de cunho cristão que foi a principal via de pacificação dos Povos indígenas e fundamentalmente dos Kayapó. É uma prática reiterada até hoje, silenciosa mas violenta. É importante ficar claro que os kayapó não são pacíficos e que não se deixaram pacificar tão fácil.

Este material é um compartilhamento preliminar de uma tese de doutoramento em processo que será construído por meio de três tópicos abaixo. A primeira parte aponta sobre a apresentação do grupo e as possibilidades de encontro entre dos povos indígenas em território kayapó na intenção de criar um estudo ritual a partir do agenciamento das *plantas professoras* (ALBUQUERQUE, 2015) no objetivo de pensar/fazer contrafeitiços para estratégias de um novo alinhamento da espiritualidade como se deu nos casos dos Guarani e os Juruna (yudja), estudados no aprofundamento desta tese.

A segunda parte sobre a metáfora do ataque, algo que demorei para compreender junto aos parentes indígenas e que para mim, torna-se assombração metodológica. É a partir do mito do gavião-real que sigo no aprendizado das estratégias de ataque e apresentação das possibilidades de contrafeitiços que no estudo deste trabalho está cada vez mais perto de um ataque e afirmações das práticas rituais em território kayapó.

Na terceira parte apresento um pensamento preliminar ainda estado de maturação dos *contrafeitiços* a partir da aproximação do estudo de caso de dois Povos indígenas que



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

recentemente mantiveram um contato e estado de permanência das medicinas sagradas; e assim modificaram sua existência, realinhando a espiritualidade, recuperando o território na tomada de consciência ancestral. Quem mais do que as plantas professoras para nos ensinar, realinhar e ritualizar práticas sagradas da existência vivente?

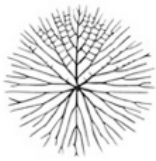
### **O retorno ao buraco do tatu.**

Quando o mundo ainda não existia, um grande buraco foi feito no céu, e com ele um grande roedor comendo toda a abóboda celeste. Foi quando um indígena da classe Mebenget (ancião) avistou esse enorme buraco correndo atrás da caça. Correu, correu, até chegar na ponta de um precipício e avistar de lá o planeta Terra. Com isso voltou a até a aldeia e falou para todos os parentes que voltaram para ver o buraco e decidiram colocar fios e objetos de pertencimento para fazer uma enorme corda até a Terra.

Após longos anos, o Povo foi se dividindo no território em outras aldeias, formando grupos ou divisões na região localizada hoje nas confluências dos Rios Tocantins-Araguaia, mas estariam em movimento desde o Planalto Central até o Pará, séculos atrás (CABRAL, 2013, 2015). Os Mëbêngôkre-Kayapo falam língua Jê e estão hoje localizados em aproximadamente cinquenta aldeias espalhadas ao sul do Pará e Norte do Mato Grosso. No Pará estão as aldeias que possuem afinidade com uma primeira horda kayapo que se dividiu séculos atrás na proximidade Tocantins-Araguaia chamada de Gorotire, e outros autodenominados como horda Metuktire<sup>3</sup>.

Os Gorotire e os Mektutire fazem parte da mesma tradição. São todos Mëbêngôkre. Porém com compreensões filosóficas diferenciadas hoje em dia. A primeira, são aldeias localizadas em áreas problemáticas onde a extração de minérios e madeira ilegal são muito presentes tendo muitos indígenas cooptados. Nessas aldeias os acordos com ilícitudes são bastante presentes, quase todas enfeitadas pela magia capitalista. Algumas mais, outras menos. Possuem uma certa fragmentação de posições políticas. Algumas modificaram a estrutura tradicional da aldeia Mëbêngôkre que se comporta tradicionalmente em formado circular com casas concêntricas.

Ao que parece os Metuktire estão mais coesos no território e possuem hoje uma liderança bastante forte politicamente na figura de Raoni Mektutire. Com isso as aldeias Mektutire têm uma figura a quem despertar. Um despertar de uma nova ordem e de um novo cenário político desafiador para os Povos da Floresta. Isso repercuti em toda a tradição. Porém muitos indígenas preferem seguir as ideias do indígena Tuto Pombo (Gorotire), considerado um dos grandes 'garimpeiros' kayapó que realizaram acordos nacionais e abertura de poços para extração de minérios na ditadura militar do Brasil –



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

acumularam grandes riquezas. E parece que hoje o cenário se configura para o mesmo fim.

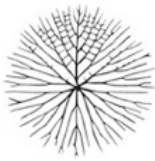
Infelizmente o *Piô-Kaprim* “folha suja” tem seus odores, e a horda que seguiu Tuto Pombo estão localizados em regiões bastante difíceis, com aldeias adoentadas, casas de alvenaria, grandes quantidades de lixo. Esse enfeitiçamento se dá primeiramente pela dependência real da cidade. Muitas aldeias dependendo como nunca na história Mëbêngôkre, dos materiais e bens de consumo dos grandes centros urbanos. Porém muitos resistem e não aceitam essas condições.

Um problema real para ser enfrentado. Uma questão que até então era visto por mim, mas não havia enxergado nesses pouco mais de uma década de trabalho e vivência com meus parentes de matrinhagem. Percebi que ao longo desses últimos anos, eu também estaria enfeitiçado por um romantismo tópico.

Isso tudo para mostrar o começo de uma complexidade que este material não dará conta de responder, mas que pretendo responder na tese. A complexidade das atividades relacionais intra e inter aldeamento. Uma complexidade de atores socioculturais onde estão indígenas, madeireiros, garimpeiros, e o Governo Federal (Escolas Indígenas e Postos de saúde indígena dentro de aldeias Mëbêngôkre-Kayapó). As evidências de enfeitiçamento que identifiquei no momento são da horda Gorotire que se encontra em uma maior tensão no território paraense e é a horda que ao longo desses mais de dez anos venho me reconhecendo. É a horda que se encontra enfeitiçada tanto pelo *pio kaprim*<sup>4</sup> (dinheiro), quanto pela mudança dos conceitos de saúde-doença. E por uma das piores magias de enfeitiçamento: o catolicismo e protestantismo que desalinha a espiritualidade e desalinha a cultura, as práticas ancestrais.

De norte a sul, pude ao longo desses últimos anos estar em contato e permanência artística e afetiva com os parentes de kaprankrere (Redenção), Apexiti (São Felix do Xingu). Dois pontos de tensão, um mais ao norte e outro mais ao sul do Pará. Mais ao norte kaprankrere, e mais ao sul Apexity. Dois pontos de conexão e observação de como as aldeias estariam se organizando.

As aldeias mais ao sul ainda estão mantendo organizações tradicionais de uma aldeia kayapó que se organiza em formato circular com casas concêntricas. Porém o que interessa é a investigação da diferença. O que se tem de diferente é conhecimento que quase todas tem uma relação bem próxima com igrejas católicas e protestantes. O que difere essa aproximação e como isso se manifesta na produção material e imaterial do Povo Kayapó? Umás mais intensas e outras nem tanto. Isso é uma evidência bastante forte das possibilidades de mudanças na estrutura cosmológica por meio de um novo ordenamento invisível promovido pelas instituições religiosas de fundamentação cristã.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

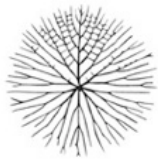
Em algumas aldeias começa dar vazão para a compreensão do mito de Jesus Cristo e esquecendo qual real buraco realmente vieram. Jovens enfeitados e permanecendo cada vez mais nas cidades, dependentes e se incorporando da performance da cidade, outros cada vez mais no mundo das drogas onde o alcoolismo é um dos reais problemas de enfeitamento.

Entre todas as aldeias deste território, duas eu estaria mais próximo, Kaprankrere e Apexty e que potentemente receberiam o evento das *cerimonias de medicinas*; um evento realizado como proposição metodológica para o agenciamento das *plantas professoras* (ALBUQUERQUE, 2015). Pensar num comando ritual por meio do vegetal, das plantas por meio da mediação e troca de conhecimento entre parentes que manipulam as medicinas sagradas que hoje, são os parentes *kuni kuin* – Acre e os Mëbêngôkre-Kayapó - Pará. Será um encontro entre Povos com trocas de saberes tão caro, principalmente à saúde kayapó, pois esses estão conduzidos em sua maior parte pelas administrações medicamentosas dispensadas nos postos de saúde indígena situado em cada aldeia kayapó.

Serão experimentações rituais. Essas experimentações rituais serão realizadas por dias de estudos ritualizados, da diversidade etnobotânica da produção de remédios para fins de cura tanto do Ká ('corpo') quanto do karon ('espírito'). Será a troca necessária entre os Mëbêngôkre e lideranças espirituais de outras etnias que utilizam e manipulam as medicinas como é casos dos Kuni Kuin, Yudjá (juruna) e os Guarani Mbyá. Os dois últimos povos serão base de dados de estudo de caso pois foram grupos que não realizavam cerimônias com as plantas professoras onde uma delas é o cha realizado por um cipó (*Banisteriopsis caapi*) e folhas do arbusto (*Psychotria viridis*).

As medicinas indígenas que destaco nesse momento são três: ayhuaska<sup>5</sup>, rapé<sup>6</sup> e sananga<sup>7</sup>. Essas tecnologias da floresta são professoras e guias do aprendizado das tradições e do alinhamento dos propósitos de vida. Escolho essas três em decorrência de uma coerência farmacológica de tratamento não somente do corpo, psicofísico, mas também espiritual. Cada uma agindo em uma esfera da consciência ancestral que nos conecta a mãe terra e a natureza. A ayahuaska<sup>8</sup>, o rapé e a sananga fazem parte de três grupo que ligam a cura no corpo, a cura da alma/espírito/energia e a cura da visão.

O motivo de estar levando essas medicinas para a realização de cerimônias de Arte-Medicina nas Aldeias Mëbêngôkre-Kayapó vem no resultado de mais de dez anos junto aos parentes da Terra Indígena-Kayapó em trabalhos voltados as questões de identidade e reconhecimento étnico-cultural (CABRAL, 2013; 2015). Assim, para este momento estar mais atento da importância urgente de consciência da ameaça e do



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

enfeitiçamento que os parentes da Terra Indígena Kayapo (localizado no Pará) estão vivendo nesse momento.

Então para que isso ocorra serão disparados processos de criação ritual nas Aldeias por meio da dança, do corpo e do som pelos parentes Mëbêngôkre e pelos Kuni Kuin que são os mestres honoris deste saber ancestral e medicinal. Essas experimentações rituais serão guiadas pelos indígenas das duas etnias (kuni kuin e kayapó) em território Mëbêngôkre em um evento denominado *cerimonias de medicinas*. O encontro entre os dois povos será mediado por mim, mas será organizado e construídos pelas etnias Povos.

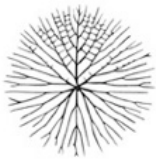
### **Assombração metodológica**

Quando o *Gavião-real* assombrava a aldeia, todos ficavam com muito medo pois sabiam que alguém seria levado pelo Gavião para atravessar a teia da aranha *inho*. Na compreensão cosmológica da etnia Mëbêngôkre-Kayapó, a teia da grande aranha liga-se a tudo e a todos. É uma espécie de portal onde o *wajangá* (xamã) atravessa para visitar o mundo dos invisíveis. Somente os *wajangá mari* estão autorizados pelos invisíveis nessa travessia. É uma travessia perigosa que requer bastante habilidade xamanica de transposição da *karôn* (espírito). É como os líderes espirituais trabalham.

Toda a aldeia temia a visita do grande Gavião. Até que uma família portadora das riquezas e dos conhecimentos ancestrais tiveram dois filhos (gêmeos) e os treinaram embaixo da água. Eles cresceram fortes e vigorosos. Quando o Gavião veio novamente ao ataque, os meninos que se tornaram gigantes, subiram o grande penhasco à procura do ninho do Gavião real.

Pensaram em um plano de ataque ao esperar ao lado do ninho do Gavião que quando viesse, iria ser atacado com bordunadas. Quando o Gavião estava perto do ninho, os meninos gigantes se aproximaram, se seguraram em um rochedo e bateram no Gavião com duas enormes bordunas<sup>9</sup>. O Gavião recebeu as bordunadas e foi caindo, caindo, até chegar no chão da aldeia.

Este trabalho está em andamento no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará. Na qualificação de doutoramento apresentei um trabalho necessário, mas que aparecerá em pouquíssimos locais no material final da tese. Foi muito importante escanear arquivos (bibliografias 'base' deste tema)<sup>10</sup> antigos do Museu Emilio Goeldi e disponibilizar para os parentes indígenas Mëbêngôkre-Kayapó formados e formandos da Graduação Intercultural Indígena da Universidade Estadual



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

do Pará. Uma necessidade, pois, o momento exige uma espreita de gavião quanto aos materiais bibliográficos produzidos por pesquisadores sobre a temática indígena. Onde o material bibliográfico produzido por não indígenas começa a ser digerido em importantes e problemáticos contrastes vistos pelos indígenas, personagens principais dos antropólogos. Teorias inventadas por *kuben* (não indígenas); e outras (re) lembradas e fortalecidas em registros etnográficos importantes.

Porém os ventos sopraram para outros voos, tão necessários e urgentes... E a urgência desse momento enquanto o céu não cair (KOPENAWA, 2015), é a urgência de experimentação ritual, do corpo, do movimento, do canto enquanto armas de guerra que é o borramento da espiritualidade silenciada pela pacificação, onde o corpo é pecado e não dança. Percebi ao longo dos anos em meus estudos que me conectam a minha ancestralidade indígena, aos reconhecimentos de minha matrilinearidade Mëbêngôkre-Kayapó, que o território indígena Kayapó, quase todo, encontra-se caindo. Uma queda planejada politicamente: transformar todo mundo em pobre! Porque pobre não (re) conhece sua origem, sua nação, seu Povo. É colocado à margem, sem direitos.

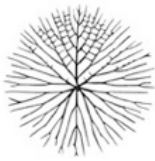
Foi a partir desse projeto necropolítico apocalíptico que nos últimos anos recebi a presença do Gavião aterrorizando meus sonhos românticos. A ameaça que vem dos céus é *real*. Foi quando me percebi enfeitiçado e percebi que todos estavam também. Os feitiços estão lançados em lugares que tento nesse artigo destrinchar e pensar neste momento os contrafeitiços recebidos do astral em sessões rituais com a utilização da medicina do chá sagrado<sup>11</sup>, da planta professora (ALBUQUERQUE, 2015).

Este é um compartilhamento preliminar das causas e estratégias de desenfeitiçamento verificados em algumas aldeias indígenas de tronco linguístico Jê, de etnia Mëbêngôkre-Kayapó. Um voo despertado e cada vez mais consciente das questões relevantes em território e da espiritualidade indígena no território paraense transformado por meio do estudo conjunto das medicinas ancestrais.

Falar sobre medicina hoje em dia, nos leva a compreensões equivocadas sobre um tipo de cuidado exclusivamente da clínica médica. Ocidentalmente esta noção se configurou na aproximação da imagem dos hospitais, clínicas e terapias envolvendo drogas sintetizadas ou por meio de protocolos médicos. Um arsenal de cura ligado as indústrias farmacêuticas e monopólio industrial.

A noção ocidental de 'medicina' nos leva as imagens hospitalares, salas de cirurgias e atendimento da clinica médica de modo geral. Porém este conceito dilata em uma abordagem indígena Pan-Americana e polissêmica. A partir de agora quando estiver me referindo a 'medicina' nessas linhas, estarei referindo à outras medicinas que podem ser compreendidas com a aliança das potências de todas as linguagens





**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

artísticas e seus agenciamentos éticos, estéticos e políticos. Pensar uma nova política, a política do invisível. Nesse momento 'medicina' é sinônimo de medicamento.

Isso acontece pois em uma experimentação ritual em um contexto ritualístico, o agenciamento de imagens, sons, movimentos, são guiados a partir do comando que transcendem a lógica racionalista. Essa compreensão é um arranjo disparado nas linguagens artísticas do corpo, do som e da imagem. Tenhamos como fundamento a compreensão de comunicação que exercem as linguagens. A partir de então esses códigos comunicacionais se estabelecem em *cerimônia de medicina*, onde o corpo, a imagem e o som, curam a existência.

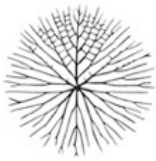
Nessa confluência investigativa que encontrei dois casos de dois Povos indígenas que começaram a produzir outros sentidos de existência. O Caso dos Juruna, autodenominados Yudjá (LIMA, 2018), e o caso dos Guarani (LANGDON, 2010). "Foi por intermédio do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (UDV) que a ayahuasca chegou aos Yudjá, a partir aproximadamente de 2012. A fama do cipó já era, contudo, conhecida desde alguns anos porque Mahum tinha experimentado entre os Ashaninca e os Kaxinawa no Acre por volta de 2005" (LIMA, 2018).

Mariri mostra "coisas" pra gente, mostra o que a gente tem, a cultura, a nossa bebida, mostra música, mostra tudo; o que a gente cuida, o mato, a terra, os peixes, e o rio também, pra assim a gente ficar tranquilo. Mostra o que a gente deixou pra trás, mostra as músicas que deixamos pra trás... A gente não pode perder a nossa cultura, a gente pode levar pra frente, a gente é novo ainda mas está levando pra frente. É isso que estou vendo acontecer aqui [em Tubatuba]. Pra mim é muito legal esse mariri, mostra as "coisas", pra gente "segurar" nossa terra – então é por isso que tô muito alegre com isso. (LIMA, p. 119, 2018).

A utilização de medicamentos administrados em Postos indígenas aumenta com o passar do tempo. A dependência medicamentosa e a falta do uso racional de medicamento também são grandes problemas. Tanto os usuários indígenas quanto os próprios profissionais acabam sendo cooptados por uma indústria que cada vez mais deixa corpos dependentes de medicamentos utilizados de forma processual.

A falta do acompanhamento racional medicamentoso a meu ver é também por falta de profissionais capacitados atuando nos postos de saúde aldeados. Certa vez conversando com uma técnica em enfermagem da aldeia de Apexiti localizado no Rio Fresco, trinta minutos do vicinal P9 na cidade de São Felix do Xingu, me confidenciou que os Postos de saúde indígena não possuem médicos e que os medicamentos são administrados a partir da demanda dos indígenas.

Realmente ao longo dessa década junto aos parentes indígena Mëbêngôkre-Kayapo, percebi esse incomodo, pois quase sempre via o movimento aquecido nos Postos de



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Saúde das aldeias. Um movimento menor do que se ver na casa das lideranças espirituais das aldeias por exemplo onde cada vez mais os xamãs estão sendo engolidos pela indústria farmacêutica. Esse enfeitiçamento é real e atingi todas as faixas etárias, mas os mais velhos ainda são bastante resistentes às essas terapias medicas ocidentais.

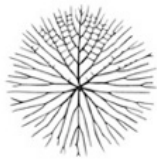
Por meio da aproximação dos casos sobre os Guarani Mbyá de Santa Catarina e os Juruna do Mato Grosso, notei um movimento recente, êmico e polissêmico de reconhecimento das *medicinas* no (re) encontro e alinhamento ancestral do passado que se faz no presente no futuro. A medicina da palavra, do cheiro, do movimento do corpo, do som de instrumento, de um pássaro... e também da planta, do chá sagrado, da planta professora.

### **Contrafeitiços**

A partir dessa compreensão o Gavião-real são as assombrações de todos os nossos medos. O real são as frentes de atração indígena lideradas pelo governo brasileiro que se instalam em bases de ataques como as escolas e postos de saúde dentro de aldeias indígenas. Uma feitiçaria *punure* ('ruim' na língua Mëbêngôkre). É também, o etnocídio. Essa magia é desfeita ou neutralizada pelo reconhecimento das matrizes (motrizes) culturais (LIGIEIRO, 2011). E a utilização das medicinas é a tecnologia da floresta que pede passagem. Transcende a lógica de alguém ensinar sobre alguma coisa. Nesse caso, é a própria planta que ensina. Ela é a planta professora.

Este trabalho aproxima dois percursos importantes para nossas conduções metodológicas. O primeiro, refere-se a experiência das aldeias Yudjá (Juruna), localizados na volta grande do Xingu. Povo de nação Tupi que teve um encontro com as medicinas sagradas a menos de dez anos junto a um grupo de missionários da União do Vegetal. Por meio dessas incursões do grupo de missionários que manipulam e produzem a medicina, ocorreu uma experiência que para o Povo indígena Yudjá foi revolucionário. A partir desse contato o Povo Yudjá abriu a consciência para questões que não percebiam por estarem enfeitiçados por recursos e da dependência das cidades no entorno da aldeia. Nesse processo, o Povo Yudjá começa a realizar e produzir suas próprias cerimônias na utilização das medicinas, onde a porta de entrada foi o chá sagrado – *ayahuaska*.

Outra experiência que revolucionou os modos de existência, foi a experiência com os Guarani M-bya, localizados no entorno da cidade de Florianópolis. Os Guarani no processo com a medicina do chá sagrado, reconectou a espiritualidade e despertou novamente os guias que os colocaram para o trabalho espiritual na Terra. Hoje os Guarari, produzem seus próprios chás, recuperaram o território, voltaram a plantar e servem a medicina.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Assim, ainda há tempo e enquanto o céu não cair, estejamos à postos a guerra do invisível. E o invisível, as encantarias, a profundidade dos rios, os ventos, o cheiro da mata e o som dos animais que se faz presente nesta travessia.

### **Conclusões preliminares.**

A experimentação ritual realizada para esta tese está na justificativa de que o alinhamento da espiritualidade indígena Mëbêngôkre-Kayapó se dará por meio da utilização e contato ritual com Povos indígenas que movimentam as *medicinas* (rapé, ayahuska e sananga). Uma saída metodológica a partir das plantas professoras que serão a condução ao retorno do buraco do tatu. Tanto a utilização do chá sagrado como a feitura de rapé e a extração natural da sananga. A necessidade desse realinhamento dar-se-à pela justificativa de contato agressivo nas últimas décadas com as missões católicas e protestantes que desalinhou a espiritualidade Mëbêngôkre-Kayapo para a pacificação e domesticação dos Povos indígenas.

Esse desalinhamento da espiritualidade, para mim, é a hipótese real da ameaça e da presença do Gavião que assombra as aldeias. As medicinas do chá, do rapé e da sananga não são utilizadas tradicionalmente pelos Mëbêngôkre-Kayapó e por isso se cria um problema ético que será resolvido ao longo do trabalho de campo com as *cerimonias de medicinas* conduzidos por indígenas Mëbêngôkre e por indígenas Kuni kuin em território kayapó.

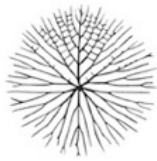
Diferentemente dos casos citados acima, nestas experimentações e estudos rituais, dar-se-à no contato de indígenas de diferentes etnias. Indígena ensinando para indígena. Etnia ensinando/aprendendo com outra etnia. Onde o radical desta experimentação é aproximar os conhecimentos da floresta e criar contrafeitiços ritualizados nas experimentações em Arte-Medicina para produzir contrafeitiços que serão as tomadas de consciência ancestral dos propósitos indígenas de proteção e preservação da terra.

Essa troca de saberes se dará na permanência da resistência indígena que liga os mundos, visíveis e invisíveis. Com isso possibilita criação de contrafeitiços rituais na experimentação ritual orientado por indígenas nesse encontro que ainda irá acontecer em Terra Indígena Mëbêngôkre-Kayapó.

### **NOTAS**

<sup>1</sup> 'Xama' na língua Jê da etnia Mëbêngôkre-Kayapó.

<sup>2</sup> 'Especialista' na língua Mëbêngôkre-Kayapó.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM**  
**PARÁ**  
**AMAZÔNIA**

- <sup>3</sup> Arma de caça.
- <sup>4</sup> Criação de biblioteca virtual sobre a tema indígena da etnia Mëbêngôkre-Kayapó disponibilizado no Museu Goeldi.
- <sup>5</sup> Fusão de um cipó Mariri (*Banisteriopsis caapi*) e de folhas de Chacrona (*Psychotria viridis*).
- <sup>6</sup> Tem como liderança contemporânea o Cacique Raoni Mektutirê.
- <sup>7</sup> 'Folha suja' na língua Mëbêngôkre- Kayapó.
- <sup>8</sup> Ayahuasca, nome Quíchua de origem inca, refere-se a uma bebida sacramental produzida a partir da decocção de duas plantas nativas da floresta amazônica: o cipó *Banisteriopsis caapi* (mariri ou jagube) com as folhas do arbusto *Psychotria viridis* (chacrona ou rainha).
- <sup>9</sup> O rapé é um pó feito geralmente de tabaco e outras ervas e cinzas de árvores que são moídos e transformados em um pó fino e aromático que é aspirado ou soprado pelas narinas.
- <sup>10</sup> Sananga é um colírio indígena, preparado a partir de um arbusto (*Tabernaemontana sananho*, cujo nome indígena é Mata Heïns) encontrado nas florestas amazônicas. É extraído da casca da sua raiz um sumo, em decocção, e utilizado como um colírio natural que opera em duas vertentes energéticas de cura: a física e a psicológica.
- <sup>11</sup> Também chamada mariri, vegetal, medicina, remédio, chá, cipó, wapa, wapa itxa, kubepa.

## **Referências Bibliográficas**

ALBUQUERQUE, Maria Betania Barbosa. Pode uma planta ensinar? Reflexões Contra-Epistemológicas. Anais do V Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente, 2015.

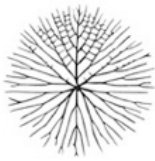
ARNAUD, Expedito. A ação indigenista no sul do Pará (1940-1970). Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, 1971.

ARNAUD, Expedito. A expansão dos índios Kayapó-Gorotire e a ocupação nacional (região sul do Pará). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.

ARNAUD, Expedito. A extinção dos índios Kararaô (Kayapó) – Baixo Xingu, Pará. Antropologia, número 53. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, 1974.

CABRAL, Rafael. Teia de Pykatôti: um estudo da corpografia mëbêngôkré do Rio Fresco na Amazônia Brasileira. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará, 2015.

CABRAL, Rafael. Ameríndios Mex: Um estudo do treinamento corporal a partir dos grafismos de



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

animais sagrados para etnia Mëbêngôkré da aldeia de Apexity. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Universidade Federal do Pará, 2013.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. ONISKA – poética do xamanismo na Amazônia. Perspectiva: Fapesp, 2011.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. Quando a terra deixou de falar. São Paulo: Editora 34, 2013

KOPENAWA, Davi. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LEA, Vanessa. Casas e Casas Mëbêngôkre. In. Amazônia: etnologia e história indígena. Org. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; CUNHA, Manoela Carneiro. São Paulo: FAPESP, 1993.

LIGIEIRO, Zeca. O conceito de “motrizes culturais” aplicado às práticas performativas afro-brasileiras. DOSSIÊ: R. Pós Ci. Soc. v.8, n.16, jul./dez. 2011

LIMA, Tânia Stolze. A planta redescoberta: um relato do encontro da ayahuasca com o povo Yudjá. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 118-136, abr. 2018.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Pajelança e religiosidades africanas na Amazônia. Belém – PA: Editora da UFPA, 2008.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: N-1, 2018.

SCHECHNER, Richard. “Pontos de contato” revisitados. In. Antropologia e Performance: ensaios na pedra. Org. DAWSEY, John. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

SCHECHNER, Richard. O que é performance. O Percevejo, UNIRIO, n. 12, 2004

SCHECHNER, Richard. Between Theater and Anthropology. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1985.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Casac Nayf, 2002

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Araweté: O povo tupi da Amazônia. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Metafísicas Canibais. São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. PANDEMIA. São Paulo: N-1, 2016.